ESCOLA
ABSABIN
Um, dois, todos

COLÉGIO ALBERT
SABIN
Ensinar é criar oportunidades

cultura&informação

A REVISTA DO SABIN

2º trimestre letivo 2022 – ano XXVIII – nº 81

No caminho certo

Entre outubro de 2021 e março deste ano, representantes públicos e civis de mais de 190 países estiveram em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, para apresentar propostas para o futuro do planeta. Adiada em um ano devido à Covid-19, a Expo 2020 foi o primeiro grande evento global com público pós-pandemia, o qual pude visitar, em fevereiro. Quero dividir aqui um pouco dessa experiência, que descobri ter algo a dizer sobre nosso trabalho no Sabin.

Para além da importância histórica dessas exposições mundiais, realizadas há mais de 170 anos, eu quis conhecer essa, que é talvez a maior referência em feira de projetos no mundo, para trazer na bagagem ideias para nossas próprias mostras científico-culturais. Mas me interessou, sobretudo, ver o que pensam algumas das cabeças mais inovadoras e lideranças dos países presentes sobre os três temas em torno dos quais o evento foi organizado, considerados centrais para os próximos anos: sustentabilidade, oportunidade e mobilidade. Afinal, muito do que ensinamos para nossos jovens hoje se baseia em como enxergamos o amanhã.

> "Assim como algumas das principais mentes dedicadas a construir um mundo melhor, também confiamos no protagonismo das próximas gerações."

Em meio a tudo que vi, algumas coisas me chamaram mais a atenção.

Em primeiro lugar, se, na origem, tais exposições serviam como uma espécie de disputa publicitária, em que cada nação apresentava ao mundo o seu melhor, em demonstrações de força econômica e industrial, hoje se sabe que as soluções para o futuro não virão da competição, mas da cooperação global. Outro destaque a citar é que, organizados em torno dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, os pavilhões do evento foram, eles próprios, construídos como exemplos perfeitos de arquitetura e urbanismo verde, com energia renovável, redução de carbono, reúso de água, entre outros princípios da sustentabilidade.

Finalmente, impressionou-me a participação da juventude. Alguns dos projetos mais interessantes que vi eram de jovens de 20 e poucos anos à frente de *startups* ou ONGs, propondo tecnologias e ideias inovadoras, muitas delas específicas para o campo da Educação.

E que conclusão tiro dessa experiência, portanto? Essencialmente, a de estarmos no caminho certo.

Assim como algumas das principais mentes dedicadas a construir um mundo mais seguro, saudável, justo e inclusivo, também confiamos no protagonismo das próximas gerações. Estimulamos nossos alunos a sonhar com um futuro melhor por meio de eventos como nossas mostras culturais, ou, recentemente, nosso Prêmio Impacta Sabin.

Também, já há algum tempo, firmamos um sólido compromisso com o ideal da sustentabilidade, e a recente formação da Comissão ESG do grupo Godoi Educacional, composta de gestores, professores, colaboradores e alunos, é mais uma prova disso. Essa comissão estará à frente de ações concretas – como a instalação de placas fotovoltaicas e de sistemas de reúso de água da chuva –, mas a ideia é que tais ações engajem amplamente a nossa comunidade, desdobrando-se em projetos pedagógicos e estimulando a colaboração de todos.

E, por fim, também sabemos que formar indivíduos só faz sentido quando se tem a consciência de uma coletividade global. Formamos alunos para serem cidadãos competentes e bem-sucedidos em suas jornadas particulares, mas sempre comprometidos com as sociedades das quais fazem parte e com o planeta em que vivem. Que, afinal, é um só, e pelo qual somos todos responsáveis.

Cristina Godoi
Mantenedora do grupo
Godoi Educacional
cristina@albertsabin.com.br

Protagonistas de um futuro melhor

Revista do Sabin,
2º trimestre
letivo 2022
ano XXVIII – nº 81
Aluna da capa:
Caroline Azevedo
G. F. do Nascimento,
aluna do 3º ano C.

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

Colégio Albert Sabin
Av. Darcy Reis, 1.901,
Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP –
(11) 3712.0713
www.albertsabin.com.br

Escola AB Sabin
Av. Martin Luther King,
2.266/2.280, São Francisco,
São Paulo/SP – (11) 3716.5666
www.absabin.com.br

Mantenedores:
Gisvaldo de Godoi,
Neusa A. Marques de Godoi,
Cristina Godoi de Souza Lima
Direção pedagógica:
Giselle Magnossão (Albert Sabin),
Silvia Adrião (AB Sabin)
Direção administrativa:
Fernando A. Mello
Marketing: Mariana A. de Miranda
Colaboradores: Áurea Bazzi,
Cláudio Pinheiro, Denise
Araújo, Dionéia Menin, Giselle
Magnossão, Paulo Rogério Vieira,
Silvia Adrião, Suzy Vieira
Projeto e coordenação editorial:
Bandeira 2 Comunicação Ltda.
Jornalista responsável:
Alexandre Bandeira
(MTB 0049431/SP)
Designer: Giovanna Angerami
Textos: Alexandre Bandeira,
Gerson Sintoni (págs. 18-19),
Maria Carolina Maia (págs.
4-5, 24)
Fotografias: Rodrigo Jacob,
Matheus Ohl Fedel
Revisão: Adriana Duarte

2º trimestre letivo 2022.

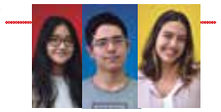
4+5
Conversa Paralela
Professora da USP comenta como deve ser a Educação no século XXI

6+7+8
Educação Infantil
Como desenhos revelam a evolução do aprendizado da criança

9+10+11
Ensino Fundamental I
Assembleias entre alunos promovem valores da boa convivência

12+13
Ensino Fundamental II
Útil e estimulante, aprender Matemática não tem de ser para poucos

14+15+16
Ensino Médio
Alunos da 1ª série compartilham impressões sobre o novo Ensino Médio

17 
Idiomas
No Sabin, não é preciso estudar fora para dominar o Inglês

18+19
Esportes&Cultura
Nas turmas iniciais da Natação, segurança e diversão

20+21
A Gente Quer Saber
Alunos fazem perguntas sobre projetos de sustentabilidade do Sabin

22+23
Livre Expressão
Alunos refletem sobre a utilidade do que se aprende na escola

24
Encantamento
Ex-aluna relembra influências do Sabin em sua vida e carreira

A escola do futuro

Professora da USP comenta relatório que propõe novo pacto social para refundar a Educação.

Carlota Boto,
professora da Faculdade de Educação da USP.

Pandemia, aquecimento global, guerras, rupturas institucionais. O mundo, nas últimas décadas, vem passando por transformações tão intensas que demandam de todos uma mudança igualmente profunda de atitude diante do outro, das cidades, da natureza e do presente. Sobretudo na Educação, caminho para a formação dos cidadãos do futuro. Com isso em mente, estudiosos convidados pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) redigiram um relatório para a área, "Reimaginar Nossos Futuros Juntos: um novo contrato social para a Educação", lançado em novembro de 2021, que ganhou, no fim de abril, sua versão em português. A ideia central é instigar educadores, mas também autoridades e famílias, a repensar o ensino escolar, abrindo espaço para uma nova Educação, capaz de refundar o mundo em bases mais diversas, inclusivas, solidárias e conscientes dos desafios contemporâneos. "Trata-se de refundar o pacto social pela escola", diz a historiadora e pedagoga **Carlota Boto**. "O que deverá ser conservado do modelo escolar atual? Quais práticas hoje vigentes devem ser abandonadas? E o que devemos reinventar? Essas são as perguntas que o relatório coloca". A seguir, a professora comenta algumas dessas questões, de respostas nada simples, levantadas pelo documento.

O relatório da Unesco propõe enxergar a Educação como um empreendimento coletivo e um bem comum. O que isso quer dizer?

O relatório pretende ser uma diretriz para políticas educativas e práticas pedagógicas ao redor do mundo. Ele indica que a Educação do futuro deverá ser intercultural e engajada com as pautas do ambiente. Trata-se de uma pedagogia do respeito, da inclusão, da pertença a um mundo comum, que proporcione padrões de convivência pautados pela tolerância à diferença. Na verdade, é mais do que tolerância. Trata-se efetivamente de abraçar a diferença, em nome da valorização de sociedades que, por princípio, são multiculturais e multiétnicas. Parte-se do princípio de que a convivência com o outro é também, por si só, um elemento educativo.

A escola deve mudar o foco de educar o indivíduo para educar a coletividade?

Não há mundo individual sem uma dimensão coletiva. Sendo assim, há que se proporcionar, para além da dimensão cognitiva do aprendizado de saberes e conhecimentos, a habilidade da convivência com o outro, com o diferente, com o diverso. Mudar o foco da Educação em prol do coletivo requer, antes de tudo, vontade política. É preciso interpretar esse mundo coletivo. E proporcionar condições para que os alunos também o façam.

Em artigo sobre o relatório, a Sra. escreveu: "Algumas coisas que não são ensinadas precisam ser aprendidas. Outras que são ensinadas deveriam ser desaprendidas". Pode dar exemplos?

A escola tem um formato específico, tem rituais, saberes e valores que merecem ser preservados. Mas tem também elementos desse formato, desses rituais, saberes e valores que estão obsoletos e devem ser ressignificados, atualizados ou mesmo abandonados. Um exemplo de conteúdo que se tornou obsoleto é a compreensão da história do Brasil como uma sucessão de grandes heróis. Hoje ninguém mais pensa assim. É importante repensar os currículos, valorizar a diversidade cultural. Isso implica agregar novos conteúdos ao currículo, que deve deixar de possuir uma única matriz eurocentrada, para ser multicentrado. A meu ver, parece fundamental articular aquilo que é o diverso, que entra no currículo, com os saberes clássicos ainda merecedores de estudo.

Como deve se dar a relação entre professor e aluno nessa "escola do futuro"?

É preciso que as escolas desenvolvam práticas democráticas na interação entre professores e alunos, e que também ensinem os estudantes a ser críticos em relação ao conhecimento aprendido. Trata-se de uma postura crítica diante do mundo: diante das desigualdades, diante das injustiças. Trata-se também de uma nova relação com o conhecimento e com os valores.

Pode falar um pouco mais sobre o que chama de práticas democráticas?

A democracia interna à interação entre alunos e professores acontece quando os alunos sentem que participam do projeto pedagógico que é desenvolvido em sala de aula, quando eles se sentem incluídos no processo decisório das pautas educativas. Assim, devem ser estabelecidos combinados. Não se trata da ausência de regras, mas de um conjunto de normas das quais os estudantes se sintam também autores.

E as famílias, como podem contribuir?

A escola, como instituição social, pode incorporar as famílias no seu projeto pedagógico. E deve fazer isso. As famílias, quando envolvidas no projeto político-pedagógico da escola, só tendem a potencializar o aprendizado das crianças. Eu diria até que, mais do que as famílias, a escola deve envolver a comunidade toda no seu novo projeto e nesse novo contrato social pela Educação. É preciso lembrar que as famílias tiveram um papel determinante na educação das crianças durante o período da pandemia. A família praticamente tornou-se o braço direito da escola. Nesse sentido, mobilizar essa experiência também será um ato de sabedoria.

Outro fator relevante na pandemia foram as tecnologias digitais. Que peso caberá ao digital?

O mundo digital precisa ser incorporado pela escola. Com a pandemia, novas formas de ensino foram desenvolvidas através da tela de um computador. Como mobilizar o aprendizado que ocorreu nesse período para pensar estratégias criativas de envolvimento dos alunos no ensino ministrado? O que significa colocar a internet dentro da sala de aula? Tudo isso é pauta desse novo contrato pela Educação. Ensinar o estudante a lidar com o mundo digital significa também encaminhá-lo em direção ao aprendizado da discriminação entre o conhecimento verdadeiro e as *fake news*. Isso também será matéria de ensino.

educação infantil

Desenhando descobertas

Muito antes de saber escrever, crianças já registram aprendizados por meio dos desenhos.

Para salvar a onça-pintada do risco de extinção, Maria Heloísa sugere recolher o lixo. Sua colega Alice faz a mesma relação entre poluição ambiental e ameaças à fauna terrestre, mas, talvez percebendo a dimensão do desafio, parece saber que precisa de estratégia um pouco mais radical: "Eu ia virar fada e tirar o lixo do chão", diz a menina. Já Matteo e Arthur mostram-se preocupados com outro tipo de perigo. "Eu ia prender o caçador", diz Matteo, ao passo que Arthur usaria uma folha "para esconder o animal do caçador".

As soluções propostas pelos alunos do Pré II C para proteger animais ameaçados de extinção não foram escritas – eles ainda não são alfabetizados –, mas desenhadas com canetas e lápis coloridos. Inspirados no livro *Abecedário de Bichos Brasileiros* e em vídeos sobre a fauna nacional, no início do ano eles puseram suas ideias no papel da forma como sabiam e com base no que haviam entendido do problema, enquanto a professora, Carolina Magalhães, observava e lhes pedia que explicassem o que haviam desenhado, para conhecer as intenções por trás dos traços de cada um.

A atividade é um bom exemplo de como, na Educação Infantil, os desenhos são frequentemente usados como ferramenta para avaliar o aprendizado. Neles, é possível perceber o que a criança registra e compreende do mundo, dos outros e de si mesma; o que ela é capaz de criar e imaginar; a forma como narra uma história, relacionando eventos, personagens e cenários num todo mais ou menos coeso. Bem antes de saber escrever, a criança expressa suas ideias e emoções por meio do desenho, com uma riqueza de detalhes que, para quem sabe ver e escutar, pode ter muito a revelar.

"O desenho é uma das primeiras linguagens que marcam o que as crianças estão aprendendo", diz Gislaine Pereira, professora do Pré I. Segundo Gislaine, estudiosos como a psicóloga e educadora americana Rhoda Kellogg (1898-1987) já demonstraram que desenhar é algo inato ao ser humano. Ponha-se um giz de cera na mão de um bebê, e ele vai riscar uma superfície, maravilhado com o próprio ato de criação de algo a partir do nada. "Se o giz se quebra ou escapa da mão, ele para o movimento do braço, porque não era gratuito – ele queria riscar, era o que lhe dava significado".

Não demora, contudo, para que essas experiências iniciais da criança atendam a outros propósitos, como explorar diferentes tipos de material gráfico (se produz traço grosso ou fino; se traz novas cores; etc.), representar as coisas do mundo e, sobretudo, fazer-se entender por outras pessoas. É quando o olhar dos educadores se lança com ainda mais atenção sobre os desenhos infantis.

Espelhos do amadurecimento

"O desenho aparece no nosso planejamento pedagógico de diferentes formas", diz Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil do Sabin. "Há desde momentos de desenho livre e exploratório, para conhecer a capacidade criativa dos alunos, até atividades mais dirigidas. Costumamos pedir que eles registrem uma história que acabaram de ouvir ou uma brincadeira da qual participaram, para descobrir o que cada um assimilou da experiência".

Os resultados dizem muito, a começar pela representação da figura humana, marcador importante do desenvolvimento infantil. Dos primeiros "bonecos girinos" – círculos com olhos e boca, de onde saem riscos que seriam braços e pernas – a personagens estruturados em cabeça, tronco e membros, os desenhos espelham o amadurecimento do esquema corporal da criança, sua consciência sobre o próprio corpo. Da mesma forma, o desenvolvimento psicomotor é percebido em sinais que demonstram, por exemplo, a praxia fina do aluno (marcada na precisão e força dos traços), sua organização espacial e sua lateralidade (refletidas na proporção e disposição dos elementos).

Já no desenho como registro de atividades, o que o aluno põe no papel pode importar tanto quanto o que não está lá, servindo como indício do que ele guardou em seu repertório de conhecimentos – e do que precisa ser reforçado. Assim, se uma criança desenha somente um boneco saltando para retratar uma brincadeira de corda ou de amarelinha, está claro que ainda não compreendeu bem a dinâmica dos jogos.

"Não avaliamos se um desenho é feio ou bonito, mas o que ele quis representar", diz Gislaine Pereira. "Se ele desenha a história d'*Os Três Porquinhos* com lobo, porquinhos, casa, chaminé, fumaça e vários outros detalhes, não vou perguntar: 'Mas cadê o rabo do porco?' O importante é que ele entendeu a história".

Para confirmar isso, porém, muitas vezes é preciso que o aluno explique sua obra, já que nem todas são imediatamente inteligíveis. Um personagem com várias pernas, por exemplo, longe de ser um erro, pode representar alguém correndo – um detalhe central da mensagem pretendida. "Erro", aliás, é um termo que nem se aplicaria aos desenhos infantis, já que o objetivo é apenas identificar o nível de compreensão do aluno para ajudá-lo a seguir no seu ritmo individual de desenvolvimento.

"Cada criança tem seu tempo. Eu tenho um aluno que, no início do ano, ainda não desenhava a figura humana, mas já era o único leitor da turma. Outro usa só uma cor nos desenhos, mas demonstra uma preocupação narrativa muito apurada, incluindo vários elementos", diz a professora Carolina Magalhães sobre sua turma do Pré II, aquela da atividade sobre os animais em risco de extinção.

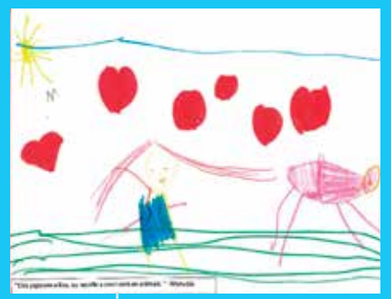
Mais interessante notar, diz Carolina, é o que fica de mais forte sobre o assunto para cada aluno. "Uns identificam o lixo como a principal ameaça, outros focam na caça predatória. Uma outra aluna desenhou uma figura em chamas e disse: 'Uma pessoa passou pegando fogo, e eu fugi com os animais'; foi como ela entendeu o problema das queimadas".

Por outro lado, ressalta Dionéia Menin, os desenhos não servem apenas para marcar o que a criança acabou de aprender. Para a coordenadora, o ato de desenhar em si – especialmente se alimentado com referências que a escola traz para os alunos – também promove seus próprios aprendizados. "Enquanto desenham e explicam o desenho para a professora, eles vão ampliando seu vocabulário e seu portfólio de registros, e são levados a pensar em como serão entendidos pelo leitor do desenho. É um belo exercício de elaboração e comunicação do pensamento".

O que os desenhos revelam?

Apresentados ao mundo dos insetos, alunos registram, em desenho, os novos saberes do seu repertório.

Nos desenhos do Pré I, aprendizados sobre cores, flores e abelhas, conforme o entendimento de cada criança: umas veem a flor como pouso; outras, como alimento dentro da barriga da abelha.



Para salvar animais da extinção, alunos do Pré II oferecem soluções para o que percebem como os maiores riscos: poluição, caçadores e queimadas.

Quer ver mais desenhos dos alunos das profas. Gislaine (Pré I) e Carol (Pré II)?

Todos de acordo?

Em assembleias, alunos têm modelo positivo de resolução de conflitos e exercitam a boa convivência.

Num dia de sol com nuvens, em abril, sob o pergolado do pátio principal do Sabin, uma turma do 5º ano se reuniu para uma conversa que provocaria fortes sentimentos e dividiria opiniões. Sentados em roda sob a supervisão da professora Carla Esposito, os alunos defendiam suas posições acerca de assuntos diversos, como a quantidade de aulas no currículo, a duração ideal do intervalo ou a melhor forma de resolver brigas entre colegas. Quando um falava, todos ouviam. Críticas, sugestões e elogios eram registrados, e então a conversa avançava para outro tópico.

Em certo momento, um menino pediu a palavra para, como ele mesmo definiu, "militar" por uma convicção: escola não é lugar para namorar, e o incomodava que alguns alunos pareciam se ocupar mais com isso do que com os estudos. Pela reação do grupo, ele não estava sozinho na queixa. Mas, mesmo que estivesse, ninguém consideraria a colocação inadequada. Pelo contrário: se havia um fórum apropriado para discutir questões como aquela, que diziam respeito às regras de comportamento e interação social no Colégio, aquele era o lugar.

"Já faz alguns anos que as professoras organizam assembleias periódicas com os alunos dessa faixa etária, para reafirmar normas e combinados de boa convivência", diz Luciana Acorsi, assessora de Filosofia do Fundamental I. Segundo ela, o modelo de debate em assembleia apresenta aos alunos uma experiência positiva de resolução de conflitos, promovendo competências fundamentais para a vida em sociedade, como saber ouvir a opinião do outro, saber se expressar com uma linguagem respeitosa ou mesmo saber lidar com a frustração de não ter as vontades atendidas.

Comunicação não violenta

"Uma vez por mês, aproveitamos as aulas de Filosofia para fazer as assembleias, que são momentos institucionais de escuta e diálogo", diz Luciana. Realizadas de preferência em ambientes abertos e agradáveis, como

o pátio ou a horta, as assembleias são espaços em que os alunos se manifestam livremente. O que não quer dizer que não existam regras.

Como regra número 1, a de levantar a mão para falar – ou, mais precisamente, para pedir o "mascote", um objeto, definido pela turma, que dá o direito da palavra a quem o segurar. "Cada classe tem o seu: numa, pode ser um bastão; noutra, um boneco do Naruto", explica a assessora.

Os temas discutidos são os mais variados. "Muitas vezes, usamos livros que abordam valores como ética, verdade, amizade e aceitação das diferenças, para motivar conversas sobre situações reais ocorridas no Colégio ou assuntos polêmicos", diz Luciana Abate, professora do 4º ano. Outra fonte de pautas que tem sido utilizada são três pranchetas disponíveis em cada sala de aula, com fichas intituladas 'Eu Felicito', 'Eu Critico' e 'Eu Sugiro', nas quais qualquer aluno pode deixar registrados comentários que servem para inspirar conversas nas assembleias mensais da sua turma.

Segundo Luciana Abate, um exemplo de polêmica comum à faixa etária diz respeito à formação de filas. "Tem alunos que cedem o lugar na frente para os colegas mais próximos, e outros reclamam. Então, nas assembleias, vamos debater: vale ou não vale 'dar a frenteira' da fila para o amigo?"

A resposta, explica a professora, pode até variar de turma para turma, já que não se trata de regra institucional do Sabin (como usar uniformes, ou máscaras durante a pandemia), mas de combinados específicos de cada grupo. "Se, numa classe, todos concordam que 'dar a frenteira' é permitido, tudo bem. Se não, vamos ouvir sugestões de como organizar filas". O importante, diz ela, é que são os alunos que encontram uma solução.

> "Já faz anos que organizamos assembleias com os alunos, para reafirmar normas e combinados de boa convivência. Mas, no pós-pandemia, precisamos reforçar competências como a negociação e a empatia."
>
> Luciana Acorsi, ass. de Filosofia do EFI.

Para Carla Esposito, do 5º ano, mesmo se uma turma concluir que não há solução possível para um problema, o debate em si tem imenso valor. "Não teve solução, mas teve diálogo", diz a professora.

De fato, a qualidade do diálogo talvez seja o maior dos aprendizados promovidos pelas assembleias, principalmente na forma como os alunos aprendem a expressar suas opiniões e queixas. "Uma das orientações que passamos a eles é que, quando fizerem críticas, façam sem nomear ninguém específico", cita Carla. Foi como fez seu aluno, por exemplo, naquele dia de abril, sob o pergolado do pátio, ao criticar colegas – genericamente – quanto à falta de interesse nos estudos. Ou como escreveu outro, na ficha 'Eu Sugiro': "Eu sugiro que as pessoas pensem antes de xingar".

Combinados das assembleias

1. Levantar a mão para falar (usar mascote como sinal).
2. Esperar sua vez.
3. Respeitar a opinião do outro.
4. A professora é a mediadora da assembleia.
5. Nunca mentir.
6. Não ignorar as sugestões dos colegas.
7. Perceber a seriedade da assembleia.
8. Respeitar todas as regras.
9. Nunca interromper o colega.
10. Apenas falar sobre assuntos coerentes.
11. Não ter conversas paralelas.

Trata-se de uma técnica de comunicação não violenta que tem ajudado os alunos a refletir sobre situações vividas ou testemunhadas com mais serenidade, algo que, de acordo com Luciana Acorsi, foi preciso reforçar após a volta da escola presencial.

"No geral, todos voltaram demonstrando o desejo da socialização, porém com pouca tolerância às frustrações", diz a assessora. "No início do ano, muitos choravam mais, brigavam mais, erguiam o tom de voz rapidamente. Quando acontecia, não conseguiam sair do conflito; ninguém cedia ou se desculpava".

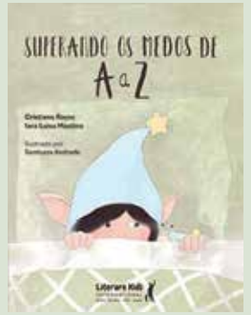
Para Luciana, as assembleias resgatam vínculos que vinham adormecidos pelos anos de afastamento, estimulando os alunos a considerar, com mais empatia, os argumentos e sentimentos de colegas que estão em uma fase semelhante da vida. E levando-os a ver, com mais responsabilidade, normas de convivência de cuja elaboração, afinal, eles mesmos participaram.

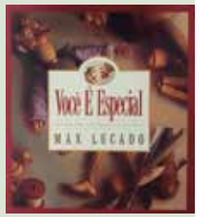
"Conviver precisa ser aprendido no dia a dia, não vem do nada. E, entre os aprendizados, está o de lidar com divergências", diz a assessora, para quem, antes de proibir, por meio da autoridade, brigas ou transgressões, a escola deve aproveitá-las pelo que elas podem ser: oportunidades pedagógicas.

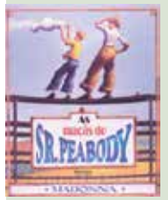
Quer ver mais fotos da assembleia do 5º ano da profa. Carla?

Biblioteca da convivência

Nas aulas de Filosofia, livros que abordam valores como ética, verdade, amizade e aceitação das diferenças inspiram conversas sobre situações reais vividas pelos alunos.







Matemática para todos

Vencendo medos e resistências, professores mostram o quanto a Matemática pode ser útil e estimulante.

Foram dias de desafios, segredos e excitação. Entre 14 e 18 de março, alunos do 6º ao 9º ano se viram diante de problemas a resolver e enigmas a decifrar, alguns trancados em caixas misteriosas, outros à vista de todos. Como descobrir as combinações que abririam os cadeados das caixas? Como adivinhar, sem chegar perto, o comprimento de uma longa corda enroscada, ou a quantidade de bolinhas numa piscina de plástico, ambas expostas no pátio da cantina?

Esses e outros desafios foram planejados para a Semana da Matemática, evento criado no Sabin em 2021 para celebrar o Dia Internacional da Matemática (14/3) e engajar alunos do Fundamental II. Longe de ser uma ação isolada, a Semana é uma de várias estratégias que visam ressaltar o valor da Matemática enquanto um conjunto de saberes e habilidades que vai muito além dos números. E cujo aprendizado, ao contrário do que dizem, não só não é para poucos como é útil para todo mundo.

"Para alguns alunos, ainda é difícil compreender a importância da Matemática ensinada na escola. Estão em uma fase imediatista, buscando aplicação diária de tudo que aprendem", diz a professora e assessora da disciplina Sandra Lieven, que, no entanto, enfatiza: aprender Matemática é muito mais que decorar fórmulas. Segundo ela, a Matemática "capacita os alunos a pensar e a tomar decisões": "O tempo inteiro, apresentamos problemas que os provocam a usar a criatividade e articular seus conhecimentos prévios com o raciocínio lógico".

Para isso, contudo, é necessário que mesmo aqueles menos afeitos à disciplina percam o medo, descubram-se capazes e se deixem motivar pelo prazer do desafio. Objetivos que tanto a Semana da Matemática quanto outras práticas adotadas no dia a dia, em sala de aula, pretendem atingir.

Engajamento conceitual

Para o coordenador pedagógico Cláudio Pinheiro, em primeiro lugar é preciso resgatar a percepção da Matemática como um patrimônio da humanidade. "Um dos papéis da escola é a propagação do conhecimento construído pelas grandes civilizações, que nos trouxe até aqui. Estamos neste prédio, sentados nestas cadeiras, graças a teoremas matemáticos", diz ele.

É, além do mais, um conhecimento construído por razões práticas: para resolver problemas reais, independentemente de caminhos pessoais ou profissionais trilhados.

Tome-se, como exemplo, o senso numérico, a habilidade de interagir com números e grandezas em situações cotidianas que envolvem cálculos mentais e estimativas. É o que estava em jogo, diz Sandra Lieven, no desafio da Semana da Matemática em que se devia adivinhar o número de bolinhas na piscina de plástico ou a extensão de uma corda. "Se tenho senso numérico apurado, não vou chutar que tem mil bolinhas ali, ou que a corda mede um quilômetro", diz a assessora.

Ela explica que o senso numérico permite ao aluno se aproximar de respostas mais assertivamente – ou desconfiar de si mesmo, quando necessário. "Às vezes, nos exercícios em aula, eles chegam a resultados absurdos e nem se questionam". Alunos com maior competência matemática, por outro lado, não apenas abordam problemas com um olhar mais crítico como dispõem de mais ferramentas.

"Tivemos um aluno que perguntou qual era o diâmetro da piscina de bolinhas, para calcular o volume e ter uma noção mais próxima do resultado", relata Sandra.

A tática de buscar informações e aplicar conhecimentos prévios, aliás, ilustra algo que a equipe de professores vem ressaltando no Fundamental II: o **engajamento conceitual**. Segundo a assessora, é o cuidado de só apresentar novos conceitos relacionando-os a outros anteriormente estudados, para que os alunos vejam, com clareza, o propósito da bagagem acumulada. "Não quero desmerecer o papel da memorização, mas ela tem de ser consequência da compreensão". Em outras palavras, decorar fórmulas (para o cálculo de volumes, por exemplo) é mais fácil para quem sabe utilizá-las.

"Em tudo que apresentamos, queremos garantir a compreensão efetiva do conceito matemático", diz Sandra. É o que tem feito a equipe intensificar as atividades de verificação do aprendizado ("agora, as avaliações diagnósticas ocorrem todo trimestre"), além de adotar abordagens que exigem do aluno articular seu raciocínio em palavras, para justificá-lo, ou, se for o caso, perceber suas falhas. "Há vários meios de estimular o pensar matemático: podemos discutir diferentes formas de resolução de um problema, informar que há um erro numa questão e pedir que eles encontrem, entre outros".

Fortalecimento emocional

Tão importante quanto o engajamento conceitual, porém, é o **fortalecimento emocional** dos alunos: ou seja, quebrar a antiga noção de que Matemática é difícil e para poucos.

"Também para isso há várias estratégias. Uma delas é trabalhar questões motivadoras e criativas, que exigem tanto a aplicação do conteúdo de sala de aula como interpretação e raciocínio lógico. As provas Canguru têm esse aspecto", diz Sandra, referindo-se ao Concurso Canguru de Matemática, destinado a estudantes do 3º ano do Fundamental à 3ª série do Médio. "Também promovemos muitas atividades em grupo, em que todos contribuem um pouco".

Não por acaso, a Semana da Matemática contou com as duas coisas: na quinta-feira 17/3, houve a aplicação da prova Canguru 2022 a todos os alunos do 4º ao 9º ano do Fundamental. E, nos outros dias, a maioria dos desafios foram resolvidos em grupos ou turmas, incluindo o dos segredos trancados em caixas com cadeados, cujas combinações eram respostas a problemas matemáticos.

"Além da ludicidade, o mais bacana foi que a Semana não teve um formato de gincana com uma só equipe vencedora. A brincadeira das caixas, por exemplo, não acabava quando o primeiro grupo abria as suas. Todos ficavam tentando até o fim, porque era divertido. Eles *queriam* vencer os *próprios* desafios", diz Sandra, ressaltando a principal lição que, ela espera, seja extraída do evento: "Você pode até não ser o melhor na Matemática, mas não precisa desistir: você consegue".

Quer ver mais fotos da Semana da Matemática?

Enigma matemático

Você sabe por que 14 de março é o Dia Internacional da Matemática?

A resposta tem a ver com um famoso número irracional. E aqui vai uma dica: nas datas em inglês, o mês vem antes do dia.

Primeiras impressões

Alunos da 1ª série compartilham opiniões sobre o novo modelo do Ensino Médio.

Já faz alguns meses que as tardes de segunda-feira dos alunos da 1ª série do Ensino Médio são um pouco diferentes do restante da rotina escolar. É quando eles têm as disciplinas específicas e eletivas dos seus itinerários formativos – a grande mudança trazida pelo novo modelo de currículo do ciclo –, cujo formato eles são os primeiros a experimentar. Um formato que, segundo os próprios alunos, concilia abordagens práticas com aprofundamento de conteúdo, fomenta novos olhares e discussões mais ricas e, até mesmo, promove um clima acolhedor, no qual a vontade de aprender é renovada. Nestas páginas, alunos e professores compartilham suas impressões sobre o primeiro ano do novo Ensino Médio do Sabin.

"O itinerário me pareceu muito interessante, porque tem um ramo da Filosofia, que é uma matéria de que gosto, e outro de Geopolítica e Geografia, e quero entender como funciona a globalização, como ela afeta a nossa vida. A aula de Filosofia tem o mesmo professor, não é tão diferente da aula normal. Mas, na de globalização, **como são outros professores, as dinâmicas são muito diferentes. A gente tem mais trabalho em grupo,** vai lendo textos em conjunto, vai anotando e discutindo. Eu estou gostando bastante."

Alice Tokumaru, 1ª série E, escolheu o itinerário *Trajetórias Humanas* e a eletiva *História do Cinema e o Cinema na História*.

"Eu gosto muito de atividades que exercitam a minha criatividade. Ainda não sei exatamente o que vou fazer, mas quero ir nesse ramo da criatividade, porque é algo que me traz felicidade. Então, **quando entrei para a eletiva de Arte Contemporânea e vi todo mundo ali junto, gente que gosta das mesmas coisas que eu, isso deu um gás. Eu me senti acolhida,** e a dinâmica da aula ficou mais aconchegante. Acho que está sendo muito produtivo para a minha vida."

Ana Júlia Luz, 1ª série B, escolheu o itinerário *Múltiplas Linguagens* e as eletivas *Arte Contemporânea* e *Mídia Impressa*.

"[O novo Ensino Médio] ajuda o aluno a interpretar qual carreira ele quer seguir, mas não é só isso. **Se hoje estou estudando Humanas, mas lá na frente escolher Exatas, mesmo assim eu vou ter um conhecimento mais amplo.** Independentemente da profissão, seu cliente vai querer saber se você tem um conhecimento geral mais positivo do que negativo. E outra coisa: com o tempo, não é só conhecimento, a gente adquire consciência. Quem fala hoje em dia, por exemplo, que você não tem de estudar o que aconteceu no passado, é mentira. Se você evita o passado, ele volta."

Gabriel de Jesus, 1ª série F, escolheu o itinerário *Trajetórias Humanas* e as eletivas *Arte Contemporânea* e *Mídia Impressa*.

"O novo Ensino Médio vai servir para nossa escolha profissional ser um pouco mais 'nichada' em algo especializado, e a gente chegar à faculdade com uma visão diferente. Porque a gente aprende muitas coisas novas. A gente vê que não são poucos os fatores envolvidos para algo acontecer; uma guerra no outro lado do mundo inflaciona os preços aqui. Então, quando você entra de cabeça num assunto, você vê o mundo diferente e começa a perceber se é isso mesmo que quer. Além do mais, quando você está entre pessoas que gostam da mesma coisa, a discussão evolui mais rápido, é um debate mais intelectual. **Você aprende até com os próprios alunos, não só com o professor, porque todos têm conhecimento que agrega à aula."**

Gustavo Travain, 1ª série F, escolheu o itinerário *Trajetórias Humanas* e as eletivas *Arte Contemporânea* e *Mídia Impressa*.

"Escolhi ir para Ciência e Pesquisa porque sempre quis trabalhar nessa área. Eu era aquele garoto de 5 anos que pegava o caderno e ficava desenhando invenções, queria ser um cientista maluco. Por isso escolhi esse ramo e acho que serviu muito bem para mim. **Mas tem sido muito melhor do que eu imaginei. A gente tem feito muitos trabalhos em grupo, e isso está treinando a gente sobre divisão de tarefas.** A gente tem aprendido e melhorado muito."

Matheus Damigue, 1ª série F, escolheu o itinerário *Ciência e Pesquisa* e a eletiva *Pensamento Computacional e Lógica de Programação*.

"**Nos itinerários, eles se aprofundam, vão além da superfície em tudo que fizerem.** No de Linguagens, eles percebem que a comunicação não é talento, é trabalho; que comunicar não é abrir a boca ou botar uma câmera na mão, significa escolher instrumentos e definir um efeito pretendido, um plano de sentido. E assim eles vão produzir resultados audiovisuais mais conscientes."

Denise Masson, ass. de Língua Portuguesa e Produção de Texto, profa. do itinerário *Múltiplas Linguagens*.

"Eu gosto muito dos itinerários formativos, porque **eles são bem mais focados em projeto de vida do que em preparar a gente para provas.** E outra coisa que também é muito interessante é que todo mundo na sala tem os mesmos interesses, porque todo mundo escolheu a mesma matéria. A gente é movida pela vontade de aprender as mesmas coisas."

Tarsila Namiki, 1ª série D, escolheu o itinerário *Múltiplas Linguagens* e a eletiva *Pensamento Computacional e Lógica de Programação*.

"É como se fosse uma família, em que todos estão estudando o mesmo tópico, e a gente acaba tendo mais interação com os colegas. Além disso, **a gente vai aumentando nosso repertório para além do óbvio. Você aprende muitas coisas que achava que já sabia.** Por exemplo, eu achava que comunicação era só conversa. Mas é tão mais complexo! Eu descobri o que é disfunção comunicativa; que a fotografia passa uma mensagem, que pode ser manipulada dependendo do público-alvo, etc. Eu sinto que aprendi de uma forma mais ampliada, sabe?"

Vitória Alencar, 1ª série F, escolheu o itinerário *Múltiplas Linguagens* e as eletivas *Arte Contemporânea* e *Mídia Impressa*.

"**Os itinerários mostram outras possibilidades de carreira que os alunos talvez não tenham considerado.** No curso de Biologia Marinha, por exemplo, o conjunto da teoria com a prática vai aproximá-los desse mundo que parece paralelo – os oceanos –, mas que é absolutamente integrado ao resto do planeta. E que demanda profissionais gabaritados para sua conservação. A Biologia tem muito mais espaço profissional do que apenas dar aulas."

Fábio Ribeiro, orientador educacional e prof. da eletiva *Biologia Marinha*.

"**Está sendo formidável para eles, principalmente pelo aspecto prático do curso.** Na disciplina de fabricação digital, eles constroem um mosaico com peças de madeira feitas na cortadora a *laser*. Além de estudarem a arte dos mosaicos na história e a geometria de polígonos convexos e não convexos, eles têm de utilizar o *software*, planejar a divisão, o tamanho e o encaixe das peças, uma série de tarefas práticas que rende grandes descobertas e fomenta a criatividade de todos."

Neusa Oliveira, profa. de Trigonometria e do itinerário *Matemática e Tecnologia*.

Pensar em Inglês

No Sabin, mesmo quem nunca estudou fora atinge níveis de Inglês reconhecidos internacionalmente.

Antes de ingressar no 6º ano do Sabin, Rafael Itiro, hoje na 2ª série do Ensino Médio, estudava em uma escola bilíngue. Um ano à sua frente, Carolina Murata, da 3ª série, é aluna do Sabin desde os 6 anos de idade, e, durante quase todo o Fundamental, complementou o Inglês do Colégio com um curso de idiomas à parte. Já Manuela Amaral, também da 3ª série, nunca aprendeu Inglês fora do Sabin, onde estuda desde o 1º ano.

Rafael, Carolina e Manuela têm experiências distintas, mas seu domínio da língua inglesa não é tão diferente assim. Cada um deles já adquiriu pelo menos um certificado da Universidade de Cambridge, o que significa que já são capazes de interagir fluentemente e sem esforço com falantes nativos, além de ler e produzir textos elaborados sobre temas diversos, como prevê o nível B2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. É o nível mínimo a que todo aluno do Sabin é exposto até o fim do Ensino Médio, correspondente ao FCE. E, embora tenham trilhado caminhos diferentes, os três reconhecem, no Inglês do Colégio, uma grande contribuição.

"Acho que 70% da minha vida gira em torno do Inglês; chego a pensar em Inglês, tenho a estrutura mental desenvolvida para dialogar na língua", diz Rafael, que, já certificado com um CAE (um nível acima do FCE), ainda quer obter o CPE (o mais alto grau de proficiência). "Quero completar todas as etapas".

Para ele, a qualidade do Inglês do Sabin é evidente pelo número de alunos certificados todos os anos – e não sem razão. Só no ano passado, por exemplo, foram 93 novas aprovações nos três níveis de Cambrige; nada menos que 92% dos que prestaram exames tiveram sucesso.

Se Rafael estudou em escola bilíngue, Manuela não pode dizer o mesmo. "Minhas duas irmãs mais velhas, sim, estudaram em escola bilíngue; eu, não. Eu chorava porque achava que ia ficar para trás, mas não teve necessidade, até porque no Sabin são quatro aulas por semana, é um ensino muito forte", lembra a aluna, hoje com um FCE na mão. Para além da quantidade de aulas, ela nota, ainda, que a estrutura do Inglês do Sabin traz importantes vantagens. "Como são turmas menores, com menos alunos e todos do mesmo nível, você sente mais liberdade e menos medo de falar".

Com um FCE e um CAE no currículo, sua colega Carolina, que já estudou Inglês fora do Sabin, também faz elogios: "No cursinho, a aula é mais mecânica, eles passam uma lista de palavras e você vai treinando". No Sabin, por outro lado, Carolina gosta de como as aulas contextualizam o uso da língua em discussões diversas e interessantes. "Os temas de redação fazem você pensar. Para a próxima aula, por exemplo, temos que entregar um texto sobre *stress* e métodos de relaxamento".

"Aqui a gente é instigada a construir um raciocínio para argumentar e discutir vários assuntos, não é só sobre a língua em si", concorda Manuela, que cita, ainda, a qualidade das leituras trabalhadas nas aulas. "A gente já leu contos russos, *Frankenstein,* livros muito bons", diz a aluna, para quem a formação recebida no Sabin, por si só, já se provou ser mais que suficiente para o aprendizado do idioma e a ampliação de horizontes.

Carolina Murata, 3ª série D, certificada com o FCE e o CAE.

Rafael Itiro, 2ª série D, certificado com o CAE e em busca do CPE.

Manuela Amaral, 3ª série D, certificada com o FCE.

O chamado das águas

Segurança e diversão marcam os primeiros anos da Natação no programa de Esportes.

Difícil encontrar uma criança que não goste de brincar na água, seja no mar, na piscina ou mesmo na banheira. Para aproveitar essa predileção dos pequenos, transformar a diversão num ato totalmente seguro e desenvolver as habilidades daqueles que se mostram mais à vontade dando braçadas, a partir do 2º ano do Fundamental, são oferecidas aulas de Natação pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura.

Chama-se "aula", mas esqueça a abordagem convencional, que consiste num incessante ir e vir, durante o qual, como se diz no jargão das piscinas, "o aluno fica contando azulejo". "As aulas são cheias de atividades coletivas, jogos, como polo aquático, e brincadeiras, como recuperar objetos no fundo da piscina, passar por debaixo das pernas do colega, desafios de respiração e muitas outras", diz o professor Fernando Passos.

Antes de tudo, porém, é preciso que o aluno se sinta seguro. Segundo o coordenador do Sabin+Esportes&Cultura, Paulo Rogério Vieira, no Sabin essa confiança da criança para entrar na piscina é conquistada logo cedo, ainda nas aulas regulares de Educação Física da Educação Infantil. Nelas, antes de qualquer nado propriamente dito, trabalha-se a adaptação ao meio aquático. O aluno vai aprender – ou aprimorar, se já souber – técnicas de flutuabilidade, controle respiratório, deslocamento com propulsão de pernas, entre outras. Como sempre, tudo de forma bastante lúdica. "Essa etapa ajuda a quebrar resistências, evitando que a criança sinta medo da piscina e garantindo que ela domine os recursos de sobrevivência", diz o coordenador.

Paulo nota, contudo, que, mesmo com essa base comum, é frequente nas turmas iniciais de Natação do programa haver alunos de níveis diferentes, "até porque recebemos alunos que não fizeram a Educação Infantil no Sabin". Por isso, diz ele, toda aula é ministrada por mais de um professor (auxiliados por estagiários), de forma a atender às diversas necessidades da turma. Os alunos são agrupados conforme seu conhecimento, a piscina é dividida em seções ou raias, e cada grupo pratica atividades de acordo com seu nível. "Com o tempo, conforme as aulas progridem, todos se aproximam do mesmo patamar", diz a professora Bruna De Féo.

Além disso, há um cuidado especial com relação à segurança de todos, independentemente do grau de desenvoltura na água. Em primeiro lugar, no ginásio onde ficam as piscinas, ninguém entra sozinho sem um adulto responsável. Existe também uma divisão física entre a piscina infantil e a maior, e, mesmo nesta última, são usados acessórios que garantem a segurança dos alunos, como aquatubos ("espaguetes"), pranchas, flutuadores, além de plataformas de redução de profundidade.

Resultados em poucos meses

Quanto aos objetivos do curso de Natação, os professores explicam que há uma expectativa de evolução do aprendizado que avança por todos os estilos.

Como regra geral, para os alunos do 2º ano, a ideia é que aprendam o nado de costas e depois o nado livre (*crawl*). "Ensinamos primeiro o de costas, porque nessa modalidade o rosto fica fora da água. O *crawl* tem técnica de respiração específica, que exige virar o rosto de lado em coordenação com as braçadas", diz Bruna. No 3º ano, costa e *crawl* são aperfeiçoados, e aprende-se o nado de peito. Já no 4º ano é a vez do nado borboleta e de se aprenderem as viradas (técnicas de inversão do sentido do nado, quando se chega à borda da piscina). E, no 5º ano, as técnicas de largada e o nado *medley* (quatro estilos em sequência). "Mas não é preciso esperar até o 5º ano para ver resultados", nota Paulo Rogério. "Mesmo entre os mais novos, poucos meses são o suficiente para já estarem se apresentando em festivais ou aulas abertas, por exemplo".

Segundo o coordenador, cumprido o roteiro até esse ponto, aqueles que mostrarem maior aptidão podem, a partir do 6º ano, ingressar nos grupos de treinamento, para participar de campeonatos interescolares, ou apenas seguir praticando o esporte regularmente pelo Sabin+Esportes&Cultura, até o Ensino Médio. Trata-se, afinal, de uma modalidade de importantes e conhecidos benefícios, que exercita todo o corpo, tem baixo impacto, trabalha a coordenação motora e o condicionamento aeróbico. Além de ser, para quem toma gosto pela coisa, uma grande diversão.

Nesta e na página ao lado, aula de Natação de alunos do 3º ano: muito mais que "contar azulejo".

Questão de sustentabilidade

Na estreia desta nova seção, turma do 4º ano entrevista representantes da Comissão ESG do Sabin.

No início de abril, o 4º ano D recebeu dois convidados especiais para uma conversa sobre um tema cada vez mais relevante: sustentabilidade. Representando a recém-formada Comissão ESG do grupo Godoi Educacional, composta de alunos, professores e colaboradores das escolas Sabin, AB Sabin e Vital Brazil, **Fernando Augusto Mello**, diretor administrativo, e **Patrícia Martins**, do depto. de Marketing, tiraram dúvidas dos alunos sobre projetos do Sabin que visam a um futuro ambiental e socialmente sustentável, em que o cuidado com o planeta e com as pessoas se reflita em resultados práticos de ações concretas, com as quais todos podem se envolver. Estas foram algumas das perguntas.

Para onde é encaminhada a coleta [de lixo] feita no Sabin? (Leonardo e Maria Valentina)

Patrícia: Nós fizemos um contrato com uma cooperativa que se chama YouGreen. Ela retira todo o nosso lixo de papel e material reciclável. Já o que é orgânico, uma empresa chamada Formiga leva para o aterro sanitário. Então, tudo que é orgânico ou não reciclável – casca de banana, lenço de papel, papel de banheiro – vai para o aterro, e o restante vai para a YouGreen.

O que é feito com o resíduo orgânico? (Maria Clara e Melissa)

Patrícia: Vocês já estudaram aterros sanitários? Lá, eles vão colocando o lixo em camadas, em cima das camadas eles põem terra, argila, e aí esse lixo vai entrando em decomposição e virando chorume, que é um líquido que precisa ser tratado para não contaminar o meio ambiente. Por isso, a gente tem de evitar ao máximo misturar nossos lixos, para esse resíduo não ir para a cooperativa.

O que é feito com o lixo reciclável? (Júlia, Marina e Rafael Baroni)

Patrícia: Dentro do lixo reciclável, tem uma mistura de coisas, não tem? Garrafinha PET, caixinha de suco, embalagem de iogurte, saquinho plástico, copo descartável, tampinha… Esse material chega à cooperativa num sacão, que eles jogam numa esteira, e um monte de gente vai separando tudo: num lugar um monte de copos, em outro um monte de garrafa… Depois eles vendem para as indústrias que utilizam esses materiais para fazer outras coisas. Por exemplo: sabem aquelas garrafas de água que são mais moles? São feitas de outras garrafas de água recicladas.

O Sabin coleta pilhas ou eletrônicos? Para onde vão? (Gustavo e Sofia Cabello)

Patrícia: Sim, lá na Biblioteca tem uma bateria grandona, já viram? Lá vocês podem colocar pilhas e baterias, que é um tipo de material muito tóxico. Não pode ir para o aterro sanitário de jeito nenhum, porque pode contaminar toda a terra.

a gente quer saber

Há projetos para economia de água no Sabin? (Arthur e Carolina)

Fernando: Tem! De reúso de água das chuvas. Quando chove aqui, não fica cheio de água nos pátios? Antigamente, essa água vinha, ia toda para a rua e de lá ia para o rio. Agora nós implantamos um sistema que canaliza essa água para um reservatório de 20 mil litros. Mas não podemos usar direto dele. Depois que ela cai no reservatório, ela passa por um filtro do meu tamanho, leva cloro e só depois usamos para irrigação do jardim e lavagem do pátio – não pode beber! Com esse sistema, nós gastamos menos água da Sabesp (Cia. de Saneamento Básico do Estado de SP) e exigimos menos da natureza.

Há algum projeto que envolva alunos na reutilização da água da chuva? (Igor e Miguel Chibante)

Fernando: Com certeza. Na verdade, vamos apresentar todos os projetos da nossa Comissão ESG aos professores e perguntar: "Querem dar uma olhada? Como será que sua turma pode contribuir?" Queremos envolver sempre e cada vez mais os professores, os alunos e o pessoal do administrativo.

Há projetos para economia de energia no Sabin? (Helena Vassalo e Pedro)

Fernando: Esse é outro projeto que estamos implantando, de geração de energia fotovoltaica. O nome é meio difícil, mas é energia do Sol. Vamos instalar no nosso teto aquelas placas que vocês viram lá no estacionamento; elas vão captar a energia solar, transformar em energia elétrica e jogar dentro do nosso prédio, para a gente usar no ventilador, no computador, em tudo. Daí, vamos precisar menos da energia que vem daqueles fios lá da rua, que em grande parte vem de usinas hidrelétricas. Nossa ideia é que 15% da energia que consumimos na escola venha da energia solar.

Como as pessoas ficam sabendo dos projetos do Sabin? (Alice e Eduardo Pinheiro)

Patrícia: Bom, nós temos o *site* da escola, e lá tem uma aba chamada Sabin Socioambiental. A gente também tem o Instagram, o YouTube e o Facebook da escola, e algumas outras informações vão via ClassApp, aquele aplicativo, sabem? E vocês, alunos, podem sempre ajudar a divulgar.

Para o Sabin, o que é sustentabilidade? (Helena Roberti e Isabela)

Fernando: Sustentabilidade tem a ver com diminuir o impacto que nós causamos na natureza. Quando reciclamos um produto usado, jogamos menos lixo na natureza e usamos menos recursos para fabricar um produto novo. Quando reutilizamos água da chuva, pegamos menos água das represas, e menos água tem de ser tratada. Com energia solar, a mesma coisa.

Patrícia: Além de economizar recursos naturais, tem a ver também com cuidado e carinho pelo outro, que é a parte social do conceito de ESG [siga em inglês que se refere a boas práticas ambientais, sociais e de governança corporativa]. Por exemplo, a doação de ovos de Páscoa também é uma ação de sustentabilidade; a gente doa para crianças que talvez não tivessem a oportunidade de ganhar ovos de chocolate. Quando fazemos alguma reforma na escola, se vamos trocar os armários ou as cortinas, e eles estão em boas condições, nós doamos para as escolas públicas aqui do entorno, que a gente apoia. Esses são também gestos de carinho, de amor e de sustentabilidade.

Da “inutilidade” da escola

“O aprendizado não precisa ter uma aplicação tangível. Sua função é disponibilizar as ferramentas para o desenvolvimento de indivíduos ativos em sociedade.”

“E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito”. A frase da obra “O Ateneu”, escrita por Raul Pompeia, explicita como foi implantado o processo educativo formal no Brasil: um produto imposto, a fim de manter a coesão social e promover o progresso. Essa visão pragmática e dominante sobre a Educação, ainda marcada na sociedade brasileira, suscita a pergunta: para que serve o que se aprende na escola, então?

O aprendizado exerce uma atração palpável na vida dos estudantes que não pode ser ignorada. As escolas simulam como será a vida adulta do aluno, ensinam-no a se portar em sociedade e repassam as informações necessárias para o desenvolvimento de sua carreira profissional. Por conseguinte, estudar é, à primeira vista, essencial para um futuro econômica e socialmente estável, além de permitir a ascensão social.

Contudo, definir o aprendizado por seu uso prático é reduzir sua função social, à medida que questionar a utilidade do que se aprende na escola explicita uma visão distorcida da Educação, de que é um investimento de tempo, com um retorno determinado. Entretanto, educar não se limita ao acúmulo de informações; educar é fomentar a construção de conhecimento pela ressignificação de tais informações, para uma maior compreensão do ambiente em que se está inserido. Consequentemente, o aprendizado não precisa ter uma aplicação tangível, à proporção que sua função primordial é disponibilizar as ferramentas para o desenvolvimento de indivíduos ativos em sociedade.

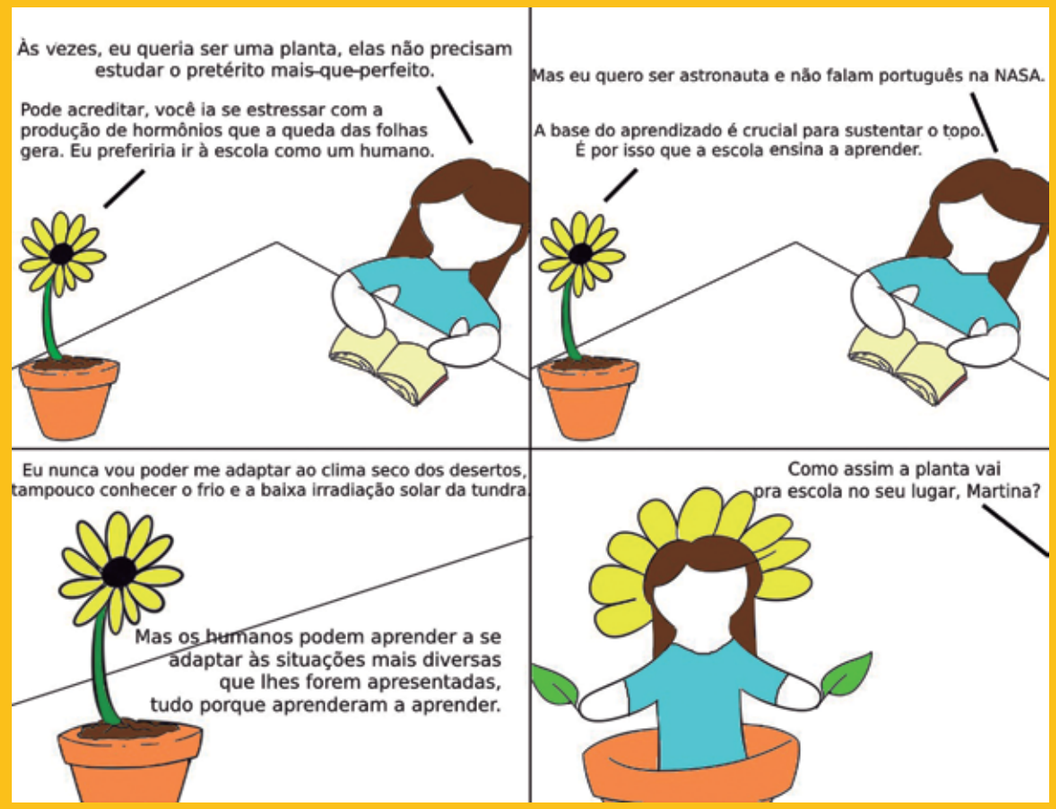
Ademais, tal busca por um objetivo utilitarista da Educação pode ser danosa para o progresso do País. O modelo atual, que visa, grosso modo, à aprovação em vestibulares – uma forma fixa e específica de avaliação –, promove a memorização de conceitos sem sua compreensão, torna o aprendizado insuficiente. Uma evidência de tal falha é o resultado do Sistema de Avaliação da Educação Básica de 2019, segundo o qual apenas 5% dos alunos na 3ª série do Ensino Médio das escolas públicas tinham o domínio da matemática básica.

Assim, formam-se muitos profissionais mal preparados. Embora a Educação seja democratizada no Brasil, o mercado de trabalho é saturado, os recém-formados não possuem o treinamento teórico ou prático suficiente exigido internacionalmente e a disponibilidade de vagas por formando é cada vez menor. Dessarte, afeta-se a sociedade como um todo, nos setores econômico, político e social, além de limitar-se o acesso ao campo irrestrito de novos conhecimentos.

Portanto, é preciso que as instituições de ensino não sejam tratadas como o Ateneu, um comércio de dados sem sentido, feito em prol do capital ou da simples obrigatoriedade de se ir à escola. Faz-se necessário o reconhecimento do aprendizado como meio de transformação da sociedade pela formação de indivíduos críticos e racionais, capazes de entender o conhecimento para além de suas funções imediatas.

Natália Minto, aluna da 3ª série D do Ensino Médio.

Os textos são de responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Colégio Albert Sabin.



Ivan Sakata, aluno da 3ª série D do Ensino Médio.

Com afinco e com afeto

Marcada por anos intensos de Ensino Médio, ex-aluna lembra como o Sabin a ajudou a definir seus passos até hoje.

Duas turmas diferentes em três anos, Vôlei e Natação como esportes, a Biblioteca como recanto de estudos, o segundo lugar na Olimpíada Nacional de Oceanografia, com uma viagem a Porto Seguro como prêmio. Não é à toa que **Marina Zoéga Hayashida** ainda carrega o Colégio Albert Sabin com ela. Os três anos de Ensino Médio na escola foram intensos e definiram os rumos que Marina trilha até hoje.

"Tudo que aprendi no Sabin eu levo comigo. Aprendi a conviver e a respeitar os limites de cada um. Já o esporte me ensinou disciplina e competitividade no bom sentido: a vontade de sempre me superar", diz a ex-aluna, declarando ser essa sua definição de êxito. "Também guardo afeto por professores e colegas. Estou planejando meu casamento, e duas madrinhas são amigas da escola".

Além da vida pessoal, profissionalmente o Sabin também determinou os passos de Marina, que se formou médica graças, em grande medida, a um professor. Aymar Macedo, de Biologia, foi o seu tutor no programa de apadrinhamento, que atribui a cada aluno do Médio um professor com quem possa manter contato próximo fora da sala de aula, para conversas sobre dúvidas, medos e planos. Segundo Marina, foi Aymar quem a fez ver que a Medicina era o meio de unir suas duas paixões: pelas Ciências Biológicas e pelas pessoas.

Foi Aymar, ainda, quem a acompanhou a Porto Seguro (BA), para conhecer o Projeto Tamar, de proteção às tartarugas marinhas. A viagem foi o prêmio pela segunda colocação na 1ª Olimpíada Nacional de Oceanografia, em 2006, quando ela cursava a 3ª série do Médio. "O Aymar distribuiu as provas na escola. E pouco depois fomos viajar. Lembro-me com muito carinho dele porque, além de Biologia ser uma das minhas matérias favoritas, era querido, atencioso e divertido", conta Marina, que cita outros professores pelos quais ainda nutre especial afeição, como o Kaida, de Matemática ("incentivava a dúvida entre os alunos"); a Leia, de Literatura ("ensinava a interpretar os textos além das palavras"); e Áurea Bazzi, que, antes de se tornar a atual coordenadora do Ensino Médio, foi sua professora de Química ("sempre elegantérrima, *fashion,* sorridente"). Todos têm espaço na memória da ex-aluna, ao lado do convívio com os colegas na sala de aula, na Biblioteca, no pátio e no refeitório.

Hoje dermatologista, com especializações em cirurgia dermatológica e oncologia cutânea, Marina – ou melhor, Dra. Marina Hayashida – escolheu cuidar da pele, o maior órgão do corpo, amparando pacientes não apenas contra doenças como o câncer mas também emocionalmente, fortalecendo sua autoestima por meio da cosmiatria, subárea voltada à estética, na qual também se especializou.

"Muita gente acha que estética é futilidade; muito pelo contrário", diz a médica. "É uma coisa que faz com que as pessoas, ao verem melhorar algo que as incomoda, se sintam mais confiantes. As mulheres, em especial, cuidam muito dos outros, mas pouco de si mesmas. Uma pessoa com boa autoestima trabalha melhor, conversa melhor, vende melhor. Uma pessoa que está bem consigo mesma vai se dar bem também com os outros".

A maior conquista é aprender que

AS MELHORES HISTÓRIAS DE VIDA SÃO ESCRITAS A VÁRIAS MÃOS.

Especial
VESTIBULAR 2022

COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades

OS MELHORES CURSOS SÃO AQUELES ONDE SE REALIZAM OS SONHOS.

16 alunos aprovados na USP, sendo 1 em Direito, 1 na Poli, 2 na FEA e 3 na FAU;
22 aprovados em universidades federais pelo País, por meio do Enem/Sisu;
mais 3 em instituições no exterior.

Quem tem oportunidades, amigos, valores e determinação constrói o próprio caminho.

113
APROVADOS

272
APROVAÇÕES

Fotos: LES Fotografia Escolar

UNIVERSIDADES	APROVADOS
Públicas + Particulares	113
Públicas	46
USP	16
Unesp	15
Unicamp	9

"O Sabin moldou minha personalidade. O que ele oferece como preparação para o vestibular, da qualidade do material ao carinho dos professores em ver o sucesso dos alunos; o ensino de idiomas; as experiências fora da sala de aula, em saídas pedagógicas e nos esportes; as grandes amizades; levo tudo comigo e vejo que valeu a pena."

Nathan M. de Resende, 1º lugar em Administração e Gestão de Comércio Exterior do Mackenzie, aprovado também em Administração no Insper e na Unifesp e em Ciências Contábeis na USP.

"Os professores conhecem muito da estrutura do vestibular, sabem indicar o melhor caminho para cada aluno, além de nos ajudarem a criar uma rotina de estudos. Além disso, o Sabin oferece oportunidades de socialização com pessoas muito diversas. Vou levar o acolhimento e o aprendizado de enfrentar desafios sem baixar a cabeça. Mesmo diante de problemas acadêmicos, a questão humana sobressaía."

Luiza C. Pena, 4º lugar em Ciências Sociais da UFRJ, aprovada também em Direito na PUC e no Mackenzie.

"O Sabin me proporcionou amizades que sei que vou levar para a vida inteira, além de uma ótima educação no sentido acadêmico, mas também no humano. A gente não aprendia só para as provas ou para o vestibular; o Sabin me ajudou a ser educado com as pessoas. E o esporte também é muito importante nisso, porque ensina postura, você conhece pessoas novas muito diferentes."

Lucas Savi Gonçalves, 5º lugar em Ciências Econômicas do Mackenzie, aprovado também em Ciências Econômicas na PUC-SP.

"O Sabin é uma escola que abre caminho para várias coisas que você queira fazer, esportivas ou acadêmicas, seja pela intensidade e pela qualidade das aulas, seja pelo empenho dos professores em ensinar, seja pelo senso de organização que ela me ajudou a desenvolver.""

Tiago Santos Simonette, 5º lugar em Arquitetura e Urbanismo da FAAP, aprovado também em Arquitetura e Urbanismo na Belas Artes, na Escola da Cidade, no Mackenzie e na USP.

"O Sabin é minha segunda família, onde criei meus vínculos e me apaixonei por tudo que amo hoje. Amo trabalhar em grupo, sou educado, porque desde pequeno eles cobram de todos fazer sempre o certo. E na parte acadêmica, foi lá que me apaixonei pelos números. Dos professores, vou levar o amor que eles têm pelos alunos, que comove todo mundo: a parceria deles é o que nos faz ter a nossa paixão e correr atrás dela."

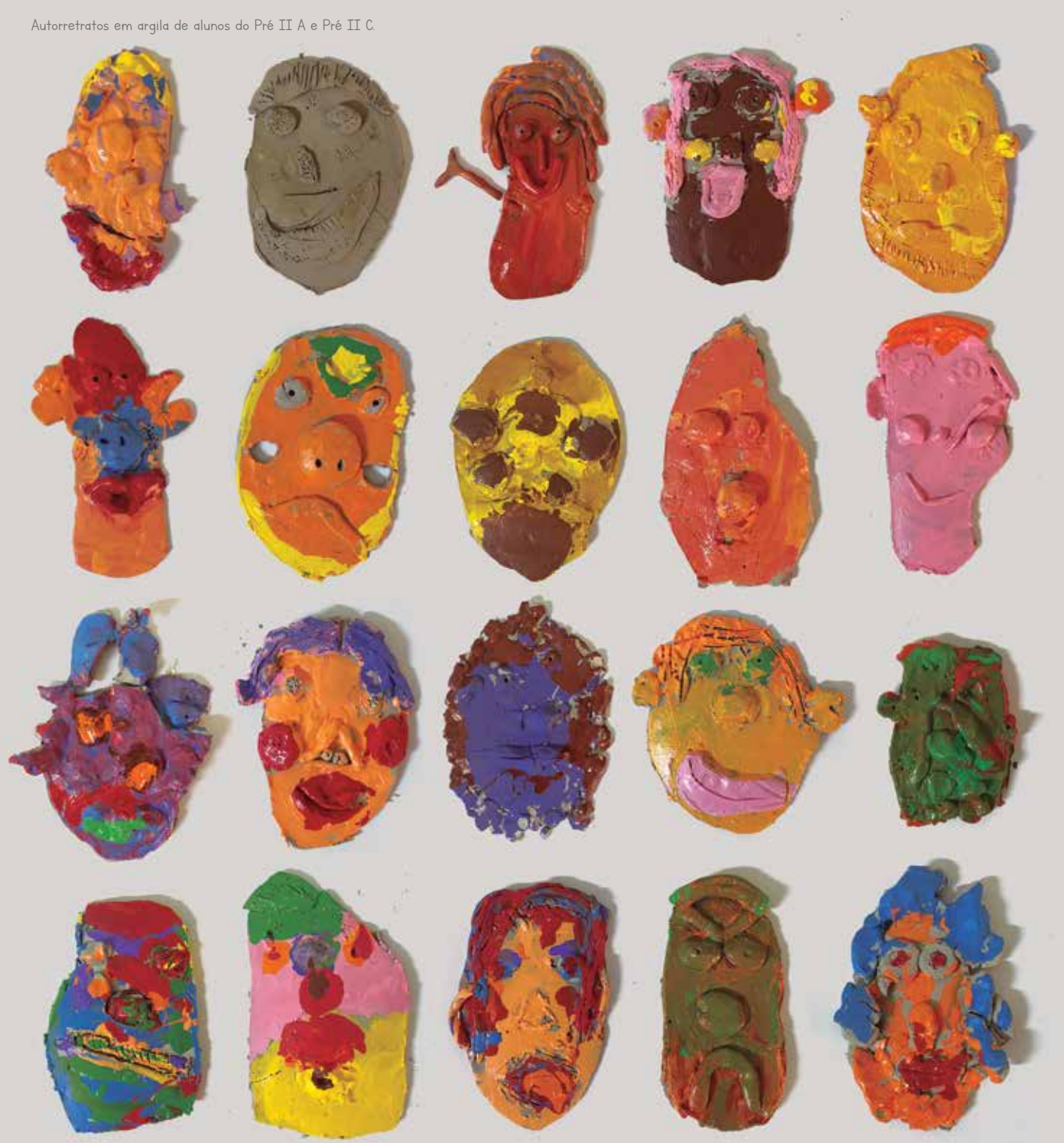
Matheus Gonçalves Sylvestre, Ciências Contábeis na PUC-SP.

"Hoje numa universidade pública, vejo como tivemos uma oportunidade privilegiada de estudar no Sabin. Foi uma experiência muito boa e diferenciada, pela formação acima da média, pela qualidade e carinho dos professores, pelas instalações da escola, pelos amigos, pelos esportes e tudo mais. Recomendaria o Sabin para qualquer pessoa."

Vinicius de Castro Lordelo, 6º lugar em Engenharia Naval e Oceânica da UFRJ, aprovado também em Engenharia Elétrica na Unesp.

PARABÉNS, TURMA DE 2021, E OBRIGADO POR LEVAREM O SABIN COM VOCÊS!

Autorretratos em argila de alunos do Pré II A e Pré II C



encarte especial – 2º trimestre letivo 2022

ESCOLA ABSABIN
Um, dois, todos

Um, dois, todos!

Na Escola AB Sabin, novas práticas valorizam o protagonismo do aluno e promovem relações em que todos ensinam e aprendem.

É como o verso de uma parlenda, o grito de guerra de uma gincana, o comando para começar uma brincadeira. Mas, assim como muita coisa no universo infantil, o novo *slogan* da Escola AB Sabin – "Um, dois, todos!" – carrega, por trás da aparência simples e lúdica, importantes significados. Fruto de um trabalho de reposicionamento iniciado há cerca de um ano, o *slogan* foi criado como uma síntese, em três pilares, da proposta da escola.

Assim, UM representa o respeito à singularidade e às potencialidades de cada criança. DOIS, o acolhimento das diferenças e a construção de relações harmônicas e enriquecedoras, em que um aprende com o outro. E TODOS, a valorização da coletividade e a percepção da pluralidade como uma riqueza compartilhada.

Como se vê, não há nada nesse posicionamento que já não fizesse parte da identidade da AB Sabin. Mas os elementos que ele ressalta refletem mudanças recentes nas práticas pedagógicas da escola.

"Nossos valores e crenças continuam os mesmos de quando iniciamos, há mais de dez anos. Por outro lado, sempre estivemos atentos aos olhares mais contemporâneos sobre a Educação Infantil e sobre a própria infância", diz Suzy Vieira, coordenadora da AB Sabin. "E, se a infância de dez anos atrás não é a mesma de hoje, a escola também não pode ser".

> "Sempre há planejamento e intencionalidade, mas a criança pode indicar outros rumos."
>
> Suzy Vieira, coord. pedagógica.

Segundo Suzy, na última década ganhou força a concepção da criança como ser autônomo e ativo, dotado de curiosidade e capacidade de investigar o mundo. "Nesse sentido, colocar como função da escola 'criar descobertas' já não traduz tão bem o que fazemos aqui. Nós preparamos ambientes; mediamos as relações da criança com esses ambientes e com seus colegas; escutamos e observamos o que ela produz a partir dessas relações e dos saberes que ela traz de casa; e ela faz suas próprias descobertas".

Na prática, explica a coordenadora, essa visão privilegia experiências mais exploratórias e menos dirigidas, nas quais as professoras precisam acomodar seus objetivos à individualidade de cada aluno. "Sempre há planejamento e intencionalidade, mas a criança pode indicar outros rumos". Como exemplo, ela cita atividades de pintura em que, numa mesma turma, um aluno começa a usar apenas a ponta dos dedos para pintar figuras com mais precisão, enquanto outro se detém mais tempo na exploração das cores e na sensação do contato físico com a tinta, lambuzando a mão inteira – e braços, rosto e uniforme – no processo. Sob a perspectiva singular de cada um, diz Suzy, o valor da experiência é enorme.

Na natureza, uma epopeia

A situação do aluno "sujo" de tinta, aliás, é um bom exemplo para marcar a diferença entre duas visões distintas de Educação: uma que direciona a criança a seguir caminhos predeterminados, e outra que promove uma ampla gama de experiências para alimentar aprendizados diversos. É o que pensa a professora Fabiana Araújo, do Maternal II, para quem essa distinção pode influenciar, inclusive, a expectativa das famílias sobre o trabalho da escola. "Se nossa proposta for clara para todos, quando um aluno chegar em casa com tinta no uniforme – ou mesmo com manchas de terra e lama –, os pais não vão pensar que foi travessura ou descuido. Esperamos que pensem: 'Nossa, ele deve ter tido uma manhã incrível!'", diz Fabiana.

Ela não cita a terra e a lama por acaso. Segundo Suzy Vieira, o contato com a natureza é outro ponto que hoje, mais do que nunca, passou a ser entendido como fundamental para a experiência escolar na Educação Infantil. "As crianças precisam cada vez mais de vivências em espaços verdes e abertos, nos quais o mundo digital não esteja tão presente", diz a coordenadora, explicando por que o bosque da AB Sabin tem sido usado com frequência crescente.

Mas não se trata, apenas, de se afastar do digital. De acordo com Suzy e Fabiana, espaços como o bosque têm vantagens, em si, como ambientes pedagógicos, não apenas por fomentar o início da consciência ambiental dos alunos mas também por proporcionar muito mais possibilidades, e muito mais ricas, de vivências. "A natureza não induz ou direciona como a criança deve brincar. Veja um escorregador: o sentido de subir pela escada e descer pela rampa está dado pelo brinquedo. Mas, na natureza, o sentido é o que a criança quiser", diz Fabiana.

"A natureza oferece elementos soltos que a criança articula por conta própria, em infinitas combinações possíveis. Um dia vivido na natureza, para a criança, é quase uma epopeia: ela se envolve com corpo, mente, emoção e razão", diz Suzy, notando que são comprovados os benefícios cognitivos, emocionais e físicos, para o desenvolvimento infantil, do brincar em espaços naturais. "Algumas horas em um *playground*, por outro lado, e a criança termina entediada", diz Suzy.

Menos massinha, mais argila

Mesmo *playgrounds*, contudo, podem ser ambientes mais enriquecedores. É o que afirma a diretora da AB Sabin, Sílvia Adrião: "Vamos trocar nossos brinquedos de plástico por outros de materiais mais ecológicos, como madeira ou corda". Segundo Sílvia, a decisão se alinha a um movimento do grupo Godoi Educacional de "desplastificar" as escolas, em nome da sustentabilidade, mas também tem valor formativo. "Queremos menos objetos artificiais – com superfícies lisas, sem diferença de textura, e cores não naturais – e mais matérias orgânicas".

A regra vale também para a sala de aula. "A ideia é menos massinha de modelar e mais argila", resume a diretora, que vê, no exemplo, implicações profundas sobre o tipo de educação que a escola quer promover. "A massinha já foi muito adotada porque é limpinha, prática, não dá trabalho. Mas a pedagogia em que acreditamos dá trabalho, é árdua. Não é tão 'limpa', mas é mais encorajadora, porque dá ao aluno mais oportunidades e ferramentas para criar".

Essa renovação de materiais e recursos pedagógicos talvez seja a mais evidente das mudanças em curso na AB Sabin, mas é preciso notar que ela reflete, ainda, o cuidado redobrado com a qualidade das atividades propostas e das relações humanas no ambiente escolar (o DOIS e o TODOS a que se refere o novo *slogan* da instituição). Isso tanto no bosque – e outra grande vantagem da natureza sobre os recursos digitais é como ela incentiva brincadeiras coletivas – quanto em sala de aula.

"Em tudo que propomos, estamos olhando para a subjetividade de cada um, mas também para a contribuição que um pode dar ao outro. É mais que 'respeitar' a diferença, nós valorizamos a diferença", diz Daniela Frigatto, professora do Pré II. E ela não se refere apenas aos alunos.

> "A natureza não induz ou direciona como a criança deve brincar. Na natureza, o sentido é o que a criança quiser."
>
> Fabiana Araújo, profa. do Maternal II

Segundo ela, nos encontros periódicos de formação continuada de professoras e estagiárias, a integração e a troca de conhecimento têm sido mais intensas do que nunca. "Temos recebido profissionais de fora da escola para dar palestras, e entre nós mesmas trocamos textos, referências, impressões", diz a professora, que não esconde o orgulho em integrar a equipe da escola desde a sua fundação: "Vai parecer clichê, mas é o que faz da AB Sabin uma escola de vanguarda: nós temos encantamento pelo que fazemos. Nós acreditamos nessa proposta que desenvolve o potencial da criança, promove relações de respeito e colaboração e entende a escola como uma coletividade educadora, em que todos – alunos, famílias e equipe pedagógica – ensinam e aprendem".

Uma coletividade educadora

Na formação inicial e continuada da equipe, uma escola atenta aos olhares mais contemporâneos sobre a infância, e a ideia da Educação como objeto de pesquisa e reflexão permanentes.

- 2 gestoras
- 13 professores

Todos com mais de 5 anos de experiência em sala de aula e pelo menos 1 pós-graduação, somando, até o momento, 2 doutorados e 7 mestrados.

Por que "Escola"?

Também fruto do trabalho de reposicionamento, a AB Sabin passa a se chamar Escola (e não mais Colégio). É um termo de significado mais amplo, que remete ao estabelecimento, mas também ao "conjunto de professores, alunos e funcionários desse estabelecimento" (*Houaiss*). Ressalta, assim, nossa visão de que a Educação é processo coletivo, que envolve UM, DOIS, TODOS.